

Nome: Elivanda de Oliveira Silva

E-mail: elivandaos@gmail.com

Instituto de Ensino: UFMG

Orientador: Newton Bignotto de Souza

HANNAH ARENDT: COMPREENDER PARA SE RECONCILIAR COM O MUNDO

Resumo: Compreender o fenômeno totalitário é a questão que subjaz toda a filosofia política de Hannah Arendt. Para a autora, não se tratava apenas de elaborar conceitos teóricos que pudessem explicar esse novo acontecimento político, mas de compreender os elementos que se "cristalizaram" nessa nova forma de governo e, assim, entender como e por que o totalitarismo fora possível.

As experiências com as formas de governos totalitários nos fazem refletir sobre um tempo de horror, um tempo sombrio, marcado por guerras, extermínio humano e a destruição do mundo. É esse cenário de ruína que, no nosso entendimento, impulsiona Arendt ao exercício mais contundente e árduo de sua vida intelectual. A preocupação de Arendt, nesse momento, voltava-se para a difícil tarefa de compreender¹ os fenômenos políticos de sua época, ou seja, compreender o que havia se passado, pois só assim poderia reconciliar-se novamente com o mundo. Ela queria não apenas analisar o fenômeno político, mas também seus traços constitutivos, e principalmente, analisar se a política tinha ainda algum sentido.

Debruçada sobre a realidade de seu tempo, Arendt anteviu que as categorias tradicionais com as quais estávamos acostumados a pensar a política eram insuficientes e limitadas para explicar a inédita violência dos regimes nazista e stalinista. Com o objetivo de compreender as novas experiências que presenciou, Arendt construiu uma filosofia política que nos convida a pensar sobre os processos de despolitização de nossas sociedades e a refletir sobre o sentido da política como espaço de efetivação da liberdade humana.

“O que havia acontecido? Por que havia acontecido? Como pôde ter acontecido?” (ARENDR, 2006, p. 339). Com essas interrogações, Arendt inicia a terceira parte de

¹ Arendt, no texto “Compreensão e política”, afirma que a compreensão “[...] é uma atividade interminável por meio da qual, em constante mudança e variação, chegamos a um acordo e conciliação com a realidade, isto é tentamos sentir o mundo como nossa casa.” (ARENDR, 2008, p. 330).

Origens do Totalitarismo que, como fio condutor, a impulsiona ao exercício do pensamento. Esse “parar para pensar” os acontecimentos de seu tempo é uma tentativa de buscar algum sentido capaz de iluminar e compreender essa nova forma de governo: o totalitarismo. O acontecimento que leva Arendt a indagações tão profundas deu-se quando ela tomou conhecimento, em 1943, do que havia se passado nos campos de Auschwitz: “[...] a fabricação em massa da morte de milhares de seres humanos.” (ARENDR, 2002, p. 134-135).

O Totalitarismo, como nova forma de governo, materializou-se ao longo do século XX na Alemanha hitlerista e na Rússia stalinista. Em ambos os regimes totalitários, existiram campos de concentração e estes constituíram a verdadeira instituição central do poder organizacional totalitário, atingindo o que parecia ser impensável, ou seja, a destruição em massa da vida humana.

Como bem sugere o termo, os governos totalitários podem ser compreendidos, na historiografia política, pela tentativa de domínio total da vida humana em todas as suas dimensões. O domínio total atingiu seu ápice nos campos de concentração. O campo não era apenas o lugar de eliminação física dos prisioneiros que nele adentrava. Vida e morte deixavam de ser algo constitutivo à pessoa. Sua existência, memória e lembranças eram, completamente, extintas da face da Terra. De humano, o que sobrava era apenas uma assombrosa massa dócil.

Arendt, em *Compreensão e Política*, é enfática: “[...] o totalitarismo não surgiu do nada, não caiu do céu. Essa forma de governo se constituiu a partir da *crystalização* de elementos que já existiam no mundo não totalitário.” (ARENDR, 2008, p. 333). Esses elementos dizem respeito à natureza mesma desse fenômeno político, como a pretensão de domínio mundial e total; a transformação da realidade pelos instrumentos da ideologia e do terror; a organização sistemática da morte de milhares de seres humanos nos campos de concentração; o antissemitismo e o imperialismo, entre outros.

Arendt pensa que, para uma análise do totalitarismo enquanto evento inédito, enquanto uma nova forma de governo na história da humanidade, deve-se refletir sobre os elementos que o constituiu, sem reduzi-los a causas históricas, sociológicas e psicológicas, uma vez que “[...] a causalidade é uma categoria totalmente estranha e falseadora nas ciências históricas.” (ARENDR, 2008, p. 342). Afasta-se, portanto, de sua análise qualquer de determinismo que possa *ocultar* a compreensão das *origens* desse fenômeno.

Quando Arendt usa a terminologia *origens* na sua obra *Origens do Totalitarismo* não é para indicar causa, mas no sentido de que os elementos do passado quando tomados para explicar um acontecimento presente podem iluminá-lo, até o ponto de revelar sua singularidade. Tem-se, nesse modo de compreender o fenômeno totalitário, uma crítica à concepção de história, concebida com uma série de acontecimentos, explicados por rígidos esquemas causais, que buscam uma simples reconstituição do passado.

Assim, a tese de Arendt sobre o fenômeno totalitário é que o mesmo é uma forma de governo que implica em uma ruptura na história ocidental, instaurando-se como um evento inédito e sem precedentes. Trata-se de ruptura, porque com o Totalitarismo, para além do rompimento com toda uma tradição de pensamento, com toda uma forma de conceber o mundo e as relações humanas, todas as categorias políticas e morais, quando aplicadas a esse fenômeno, não conseguiam explicar a *novidade* de suas ações. É inédito porque para dar cabo a sua ideia de dominar, totalmente, os homens, até ao ponto de estabelecer uma “humanidade única” (ARENDR, 2008, p. 359), ousou transformá-los em “coisas sem corpo nem alma” (ARENDR, 2008, p. 226), em um simples “feixe de reações previsíveis” (ARENDR, 2000, p. 269) e, assim, destituí-los de qualquer marca de espontaneidade.

Palavras-chave: Compreender, reconciliar, totalitarismo, política, evento inédito.

Bibliografia

ARENDR, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Compreender: Formação, Exílio e Totalitarismo**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **A Dignidade da Política**. Trad. Antônio Abranches e Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.